

The background of the cover is a photograph of an archaeological excavation site. It shows a grid of thin white lines on a dark, sandy ground. Numerous stones of various sizes and shapes are scattered across the site, some appearing to be part of a larger structure or arrangement. The lighting is bright, casting shadows on the sand.

# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 70

---

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL  
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**70**

Ano de Edição

**2020**

Ano Associativo AAP

**2018**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

## **PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS**

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

## **ARTIGOS**

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente  
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)  
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem  
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa  
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica  
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores  
José Luís Neto

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# ARTEFACTOS DE AZEVICHE DO CONVENTO DE SANTANA DE LISBOA

---

Mário Varela Gomes<sup>1</sup>, Rosa Varela Gomes<sup>2</sup>, Joana Gonçalves<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, Academia Portuguesa da História, Academia Portuguesa de Belas Artes, AAP (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / mv.gomes@fcsh.unl.pt.

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, AAP (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / rv.gomes@fcsh.unl.pt

<sup>3</sup> Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, AAP (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa) / joanafrgoncalves@fcsh.unl.pt.

## Resumo

Entre os milhares de restos de artefactos recuperados nas ruínas e estruturas negativas do antigo Convento de Santana de Lisboa, durante escavações arqueológicas ali realizadas em 2002/2003 e em 2009/2010, classificados entre os séculos XVI e XVIII, identificou-se conjunto produzido em azeviche, carvão mineral de origem vegetal, de cor negra intensa e brilhante, quando polido. Aquele integra, sobretudo objectos ligados à devoção, como as contas de terços ou rosários, de variadas formas, e alguns pendentos, que tiveram carácter apotropaico, ao mesmo tempo que serviam como adornos, conforme podia acontecer com anéis e botões.

O Convento de Santana, fundado no século XVI e activo até ao século XIX, localizava-se onde se ergueram recentemente instalações da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

**Palavras-chave:** Azeviche, Convento de Santana (Lisboa), Contas, Figas, Pendentos.

## Abstract

Amongst the thousands of artefacts recovered in the ruins and negative structures of the ancient Santana Convent of Lisbon, during the archaeological excavations, in 2002/2003 and 2009/2010, classified with chronologies between the 16<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries, a set of jet (mineral charcoal of vegetable origin, with intense black colour and shiny when polished) objects was identified. Mainly, those artefacts could be interpreted as connected to religious devotion, with exemplars of rosary beads, of multiple shapes, as well as some pendants, others could bear apotropaic significance, while being used as adornments, as in the cases of rings and buttons.

The Santana Convent, built in the 16<sup>th</sup> century, was located in the place where the facilities of NOVA Medical School were recently erected.

**Keywords:** Jet, Santana Convent (Lisbon), Beads, Fig signs, Pendants.

## 1. A CASA RELIGIOSA

Segundo a *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, ao que se julga devida ao P<sup>de</sup> Jerónimo de Castilho (1674-1730) (Pires de Lima, 1972: 345-361) e documentos reunidos pelo P<sup>de</sup> Sebastião de Almeida Viegas (1893), o Convento de Santana existiu devido ao desejo de Violante da Conceição em fundar casa religiosa, depois integrada na Ordem Terceira de São Francisco mas, igualmente, ao patrocínio régio, tanto de D. João III, como sobretudo da sua esposa D. Catarina, depois do falecimento daquele em 1557.

Documento de 1561 informa que o projecto do novo convento é da autoria de Miguel de Arruda, que foi mestre das obras do mosteiro da Batalha, trabalhou na fortificação de Ceuta, nos Paços Reais de Santarém, na fortaleza da Ilha de Moçambique, etc., julgando-se que terá falecido em 1563. Aquele testemunho dá ainda a conhecer que a antiga ermida de Santana, ali erguida não se sabendo desde quando, passou a ter funções de templo do novo convento, sendo depois, com o cardeal D. Henrique, então arcebispo de Lisboa, igreja da recém-criada paróquia da Pena. Por isso ali foi enterrado, em 1580, Luís Vaz de Camões (Viegas, 1893: 19, 37, 56; Viterbo, 1899: 66-74; Pires de Lima, 1972; Monteiro, 2005: 50, 51). *Livro das Visitações*, ocorridas entre 1570 e 1598, é parco em informações que interessem ao presente estudo (Franco, 1973-74).

Existe representação desenhada da igreja e convento de Santana, da autoria de Georg Braun (Georgio Braunio), publicada no volume da sua *Civitatis Orbis Terrarum* (1598), possivelmente executada a partir da planta de Lisboa de 1567 (Garcia, 2014: 48).

Em 1562 as religiosas ocuparam aquela casa, que foi sucessivamente ampliada, conhecendo-se campanhas de obras em 1674-1681, 1707, após a igreja deixar de ser paroquial (1705), e em 1729, chegando a tornar-se em um dos maiores conventos lisboetas, dos cerca de noventa que se contavam em 1755. Albergava, em 1702, cerca de três centenas de pessoas, entre as quais cento e trinta religiosas e, em 1777, mais de quatro centenas de

almas, por certo muitas delas provindas de outros conventos arruinados pelo trágico Terramoto de 1755 (Viegas, 1893: 65; Pires de Lima, 1972: 360, 361; Monteiro, 2005: 51).

Aquando do megassismo de 1755, a igreja do Convento de Santana ruiu parcialmente, tal como sector dos dormitórios, entrando aquele em declínio, apesar das reconstruções efectuadas a partir de 1778, durante o reinado de D. Maria I e até à Extinção das Ordens Religiosas, ocorrida em 1834, momento em que existiam em Lisboa duas dezenas de conventos femininos.

A igreja e convento de Santana figuram em planta da cidade de Lisboa, do último quartel do século XVIII (ca 1780), que guarda o Arquivo do Instituto Geográfico e Cadastral (Vieira da Silva, 1950, planta nº 4, edifício nº 105).

Em 1871 foi realizado levantamento das estruturas conventuais, onde se observa o templo e seus anexos, assim como claustro com um dos poços, que ali escavámos.

Nos finais do século XIX é elaborado projecto para aquele local, sob a direcção do Eng. Pedro Romano Folque, director das Obras Públicas, para instalação do Real Instituto Bacteriológico, tendo sido demolidos grande parte do convento e a sua igreja em 1897, inaugurando-se o novo equipamento médico três anos depois. A revista *Occidente*, de 10 de Novembro de 1899, deu conta daquele facto, referindo a ligação do antigo convento a Camões e publicando planta e três imagens do templo.

Existe igualmente levantamento da igreja efectuado, em 1880, pelo Arqt. Luís Caetano Pedro d'Ávila, dado a conhecer na importante obra que o P<sup>de</sup> Sebastião de Almeida Viegas (1893) dedicou à presença dos restos mortais de Camões naquele templo, mas que nunca se vieram a identificar de modo claro.

Durante a demolição de grande parte do Convento de Santana ali se encontrou significativa quantidade de cerâmicas e de outro espólio, de que foram entregues, em 1898, ao Museu Etnográfico Português, hoje Museu Nacional de Arqueologia (MNA), por ordem do Eng. Romano Folque, oitenta

e quatro peças de cerâmica, dos séculos XVI a XVIII (Vasconcellos, 1961: 107). Grandes painéis de azulejos foram desmontados e levados para o Convento da Madreus, em Xabregas, onde alguns foram reutilizados e outros armazenados, sendo em parte ulteriormente expostos no que é hoje o Museu Nacional do Azulejo (AAVV, 1907: 286-288). Segundo o Visconde de Juromenha (17.X.1844) *“Près de la sépulture de Camoens dans le convent des sœurs de Sainte-Anne on voyait un trophée représenté par azulejos. Il y avait été placé par le poète Miguel Leitão d’Andrada qui vivait encore vers la fin du XVI siècle”* (AAVV, 1906: 303).

Trabalho sobre produções cerâmicas decoradas através de aplicações de pedrinhas brancas, do acervo do Convento de Santana e que conserva o MNA, foi publicado há alguns anos (Sardinha, 1990-92), existindo estudo, de carácter académico, sobre oito tampas, de porcelana e de faiança, com idêntica procedência (Martins, 2000).

Além de algumas notas na imprensa do século XIX e das obras anteriormente referidas, aludem ao Convento de Santana diversos autores, entre os quais Luiz Gonzaga Pereira (1927: 305-307), Rocha Martins (1945: 49) e Júlio Dantas (1966: 228-230).

Parte dos resultados das escavações que ali dirigimos (R.V.G. e M.V.G.) foi já publicada, nomeadamente em notícia preliminar sobre aqueles (Gomes e Gomes, 2007), mas também estudo sobre a colecção de porcelana chinesa (Gomes, Gomes e Casimiro, 2015), ou outro abordando a faiança portuguesa (Gomes, Gomes e Casimiro, 2016). Trabalho, sobre os objectos de uso pessoal produzidos em matérias duras de origem animal, foi igualmente apresentado a congresso, tendo sido publicado recentemente (Gomes, Gomes e Gonçalves, 2017).

## **2. AZEVICHE, SUA ORIGEM, DIFUSÃO E UTILIDADE**

O azeviche, palavra portuguesa que deriva do termo árabe *az-zabach*, corresponde a variedade de lignite, ou seja, a carvão mineral de origem vegetal, com baixo grau de incarbonização, possuindo cor negra

intensa, brilhante, quando polido, sendo compacto e relativamente resistente. Dada a sua origem e cor, foi tido como possuindo virtudes diversas e propriedades mágicas, designadamente apotropaicas, pelo menos desde a Idade Média. Acreditava-se então que o azeviche era capaz de afugentar as serpentes e de curar as suas mordeduras, tal como os demónios, de acabar com dores de dentes, a histeria e a epilepsia, doenças cardíacas ou de impedir a inveja, a má sorte e sobretudo o mau-olhado. Plínio (N.H. XXVI, 24 ou XXVI, 34), que regista as suas propriedades, chama-lhe *lapis gagates*, conferindo-lhe origem nas margens do rio da Lícia (Ásia Menor) com aquele nome. Galeno recomenda-o para as doenças de estômago e a cura de feridas. Quando queimado, acreditava-se na Europa Medieval, que o seu fumo afastava as forças do mal. A sua cor identificou-se com a da morte, nas sociedades cristãs. No século XIX este aspecto foi muito divulgado devido ao uso de jóias de azeviche pela Rainha Vitória e na sua corte, a quando do luto pela morte do príncipe Alberto (Hildburgh, 1906: 459, 461; 1913: 65; Gomez-Tabanera, 1977: 384; Suárez-Ruiz & Iglesias, 2007; Gilchrist, 2008: 139).

A *“pedra chamada Gagatis”* consta no *Lapidario del Rey D. Alfonso X*, como existente em Saragoça e Granada, sendo capaz de curar várias doenças (Fernandez Montaña, 1881: 2, 5).

Na obra *Hortus Sanitatis*, cuja primeira edição é de 1491, o gagates ou azeviche mereceu a seguinte referência: *“Pedra que apareceu na Silícia, nas margens do rio Gagates de onde recebeu o seu nome, embora abunde também na Britania. É negra, plana, suave e se inflama aproximando-a do fogo. Os desenhos que se gravam com esta pedra sobre vasilhas são indeléveis. É de admirar que arda com a água e apaga-se com azeite. O azeviche afugenta os demónios e faze-os calar quando falam pela boca dos possuídos. Serve de ajuda nas dores de estômago e no parto. A água passada por esta pedra revela a virgindade das jovens, pois se conservam a sua integridade nada acontece, mas no caso contrário fazem águas instantaneamente. Também afugenta as serpentes por isso as águas colocam*

esta pedra em seus ninhos” (Viñago González, 1996: 618).

O médico Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco, 1511-1568) refere as propriedades do azeviche ao comentar a obra de Dioscórides, médico grego do século I e refere as imagens de São Tiago e outros emblemas feitos na Galiza com tal material (Malaquias e Pereira, 2015: 408).

Duarte Nunez do Leão (2002: 184, 185), nos finais do século XVI, fala-nos do azeviche em Portugal e, em especial, na Batalha, que se exportava, nos seguintes termos: “(...) nelle [Portugal] não faltão vitorios de azeviche que os gregos e latinos chamam, gagates, do qual no lugar da Batalha se tira muito de que se fazem muitos brincos e louçainhas para mulheres que se levão para todo o reino e fora d’elle”. O azeviche da região da Batalha provém de formações do Jurássico Superior (Kimmeridgiano) e é semelhante ao de Whitby, que os romanos e depois os vikings exploraram, tendo chegado a ser conhecido por “*âmbar negro*” (Costa, 2008: 3). Também Gaspar de Morales (1605: 401-410), escreveu sobre as muito diversas utilizações do azeviche, dizendo que “(...) sirve de ornato a las damas para sartas as cuello, y a los niños pra cõtra el ojo, as uso de la medicina maravillosamente (...)”.

Devido à sua existência na Península Ibérica, nas zonas das Astúrias, Leão, Zamora, Palência, Galiza, Aragão (Montes Montalvão), em Portugal (Batalha, Rio Maior, Caldas da Rainha, Peniche, Azeitão, entre outros sítios), no Sul de França (Sainte-Colombe, Chalabre, Bugarach), Itália, Grã-Bretanha (Whitby, North Yorkshire), Alemanha (Balingen, Schrambery, Suabia), Polónia, República Checa, Rússia, e em outras regiões da Europa, da Índia e da América do Norte, foi usado desde os tempos pré-históricos e a partir da Idade Média, largamente empregue em contas de rosário e de terços, em cruzes, pequenos amuletos para protecção pessoal, anéis e outros adornos, tendo Santiago de Compostela constituído, na Península Ibérica, o grande centro produtor e difusor de tais itens, nomeadamente em forma de valva de vieira, através dos seus peregrinos (Vasconcellos, 1897: 136-140; Gomez-Tabanera, 1977:

406-408; Franco Mata, 1996). Fernão Mendes Pinto (2004: 90), em meados do século XVI, compara pequenos objectos que se adquiriam nos templos do Sudoeste Asiático com os daquele grande centro de peregrinação peninsular, nos seguintes termos “(...) como entre nós costumam os romeiros que vem de Santiago trazer os brincos de azeviche”.

Contas de rosário e sobretudo pequenas cruzes de azeviche têm sido encontradas em sepulturas anglo-saxónicas dos séculos V a VII. Na Abadia de Whitby (North Yorkshire), não só tais artefactos foram produzidos como difundidos, durante os séculos XII e XIII, através das Ilhas Britânicas, onde acompanhavam enterramentos, como alcançaram a Noruega (Bergen) e a Gronelândia (Herjolfsnes) (Gilchrist, 2008: 139; Pierce, 2013: 199).

A função protectora dos amuletos de azeviche levou a que fossem utilizados junto ao corpo dos vivos, sob a forma de jóias, de colares, anéis ou braceletes, mas também pendurados em camas ou nas paredes de habitações. No inventário dos bens da infanta D. Beatriz, elaborado em 1507, aquando do seu falecimento, consta “*huã cruz grande dazeviche*” (Freire, 1914: 90). Mais tarde, no rol de bens do primeiro Conde de Basto, de 1644, constam “*Dous braceletes de azeviche de vinte e quatro pessas de ouro (...)*” (Serrão, 2014: 20), aspectos que ilustram o interesse pelos objectos elaborados em azeviche pelas elites de então.

As qualidades apotropaicas do azeviche foram reconhecidas, entre a população portuguesa, até ao século passado. Nos finais do século XIX, F. Martins Sarmiento (1998: 50, 248) transmite a crença de que, no Norte do país, “*As mulheres que criam devem trazer sempre consigo alguma coisa de azeviche por causa das dadas nos peitos*”, ali sendo também usadas contas, em grupos de três, contra o mau-olhado.

### 3. AZEVICHE NO CONVENTO DE SANTANA DE LISBOA

As cerca de seis dezenas de objectos de azeviche exumados no Convento de Santana, de Lisboa, correspondem maioritariamente a contas, de terços ou

de rosários, de vários tipos, tendo-se identificado pendentes, figas, anéis, um crucifixo e elemento decorativo com a forma de leão rampante.

As contas oferecem acentuado polimorfismo, identificando-se desde exemplares esféricos ou esféricos achatados, aos ovóides, alguns escadeados, ou com incisões verticais, ou ainda em forma de barril, de balaústre ou poliédricos.

Dois pendentes apresentam contorno cordiforme, um deles contendo gravada, em uma das faces, a inicial M, clara alusão ao Imaculado Coração de Maria. O outro apresenta inciso, na face interna, cinco elementos, que podemos interpretar como as cinco chagas de Cristo, associando, assim, esta peça ao Sagrado Coração de Jesus.

Duas figas, uma delas completa, são elementos apotropaicos muito comuns neste tipo de matéria-prima, durante os séculos XVI a XIX. Também anel mostra pequena figa, usada, por certo, com aquele mesmo fim.

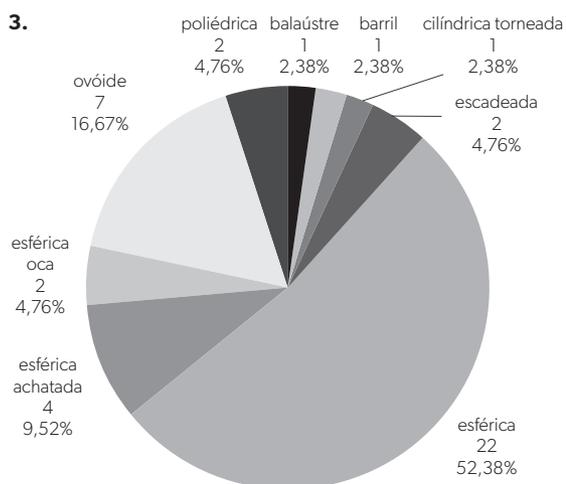
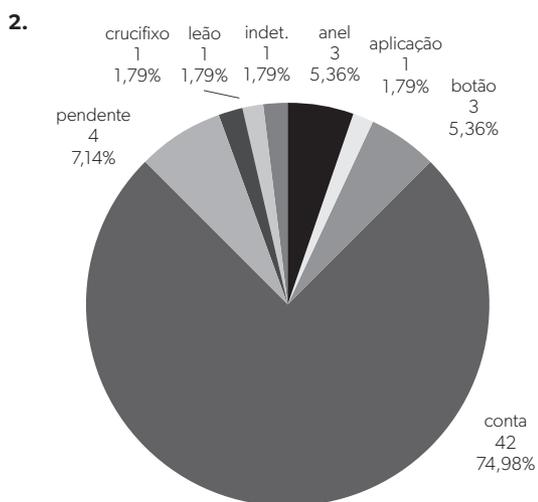
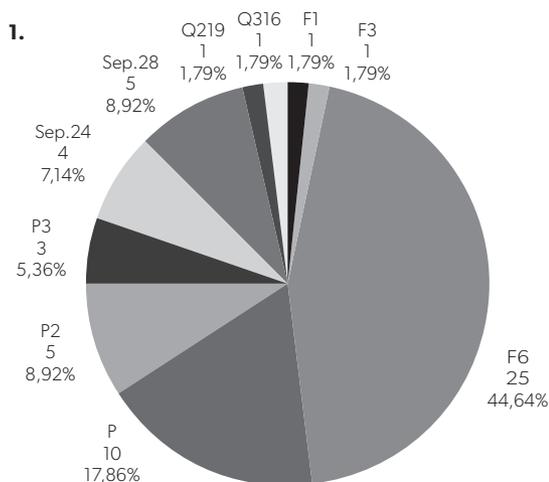
Cruz, de reduzidas dimensões, com decoração dourada em ambas faces, constitui outro elemento apotropaico muito divulgado, embora aquele possa, também, ter pertencido a rosário.

O pequeno leão rampante deve corresponder a elemento decorativo, talvez com carácter heráldico, que terá feito parte de peça cuja forma e função desconhecemos, não se devendo afastar a sua simbologia protectora.

Conforme se pode observar no gráfico 1, apenas nove peças são procedentes de sepulturas (24 e 28), enquanto dezoito provêm do entulhamento de poços e vinte sete de fossas detriticas, enquanto apenas duas surgiram em nível (Q219 e Q316), correspondendo a espaço aberto, revolvido pelas obras ali ocorridas, em particular desde meados do século XVIII.

As contas constituem os itens melhor representados, com 42 exemplares (75%), existindo quatro pendentes, dois deles cordiformes, conforme referimos, três botões e três anéis, enquanto os restantes tipos de peças mostraram apenas um exemplar cada (gráfico 2).

No que concerne ao polimorfismo das contas,



Gráficos – Convento de Santana. 1. Procedência dos artefactos de azeviche do Convento de Santana (sepulturas, fossas detriticas e poços); 2. Tipos de artefactos de azeviche; 3. Formas das contas de azeviche.

comum a outras jazidas e a exemplares produzidos com outros materiais, como o vidro e o osso (gráfico 3), são mais numerosas as esféricas, com vinte e dois exemplares, seguidas das ovóides, com sete exemplares, sendo pouco comuns as que apresentavam formas compósitas ou foram decoradas através de incisões.

#### **4. ALGUNS PARALELOS E A INTEGRAÇÃO SÓCIO-RELIGIOSA E CULTURAL**

##### **4.1. As figas**

Os amuletos de azeviche em forma de figa simples, dupla, tripla, quadrupla, ou, até, sêxtupla, conforme raríssimo exemplar exumado nas ruínas do antigo Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, uniam as propriedades maravilhosas daquela matéria-prima, às virtudes protectoras da mão e ao gesto mágico, que ascende, pelo menos, ao Período Romano (Hildburgh, 1906: 459; Vasconcellos, 1925; Côte-Real, 2008: 41). Sobre este tema, J. L. de Vasconcellos (1892: 8) ao escrever sobre amuletos portugueses concluiu que “(...) *une figa de jais possède des vertus parce qu'elle est une figa, et est faite de jais*”. A figa tem simbologia sexual, representa a união dos genitais humanos de ambos géneros, através do dedo polegar entalado entre os dedos indicador e médio, sendo, por muitos, considerada como gesto obscuro. Todavia, na Grécia Antiga a exposição do órgão sexual feminino era usada contra feitiços, o mau tempo e as tempestades no mar, conhecendo-se a enorme difusão que o órgão sexual masculino teve, e ainda tem, como elemento apotropaico entre muitas sociedades desde a Pré-História aos nossos dias (Morris, 2001: 177).

Os artefactos referidos foram, muito possivelmente, a forma de amuleto mais difundida na Europa Meridional, sendo largamente divulgados na Península Ibérica, de onde passaram, sobretudo, à América do Sul, durante os séculos XVI e XVII. Raramente medindo mais de 0,02 m de comprimento, eram conhecidos em Espanha, quando de azeviche, por “*manos de azabache*”. Crianças como a infanta Ana Maurícia de Áustria, filha de Felipe II

e o príncipe Felipe Próspero (1657-1601), filho de Felipe IV e de Mariana de Áustria, retratados respectivamente em 1602 e 1659 por Pantoja de la Cruz e Diego Velázquez, mostram, sobre as requintadas vestes que envergavam, numerosos amuletos e talismãs, que se acreditava protegerem-nos do mau-olhado e de doenças diversas, ou seja das forças da natureza e de poderes humanos ocultos, sendo capazes de proporcionarem sorte e bem-estar, entre os quais as figas de azeviche, encastoadas em metal (Bardi, 1969: est. LXIV).

Aquelas surgem igualmente nos contextos coloniais sul-americanos, a partir da segunda metade do século XVI, constituindo exemplar mais recuado o proveniente do acampamento de Pedro Menéndez de Áviles em St. Augustine (Flórida), com cronologia situada em 1565-66, tendo outro, correspondendo a tripla figa sido encontrado no Forte de San Felipe, em Santa Elena (Carolina do Sul) (1566-87) (Deagan, 2002: 96).

Segundo K. Deagan (2002: 97), a partir dos inícios do século XVII, as figas tendem a ser mais simples, como as muitas que se exumaram nas ruínas da missão de San Luís de Talimali (ca 1650-1700) na Flórida, ou precedentes de naufrágios da primeira metade do século XVIII.

Grandes quantidades de figas de azeviche constam nos róis dos itens exportados para as colónias espanholas, entre 1583 e 1613, alcançando números superiores a três milhares em 1603 (Deagan, 2002: 98).

As figas de azeviche ainda se vendiam em Madrid, e em outros lugares de Espanha, nos inícios do século XX (Hildburgh, 1913: 65).

Duas figas de azeviche foram exumadas no Convento de São Francisco, de Santarém, uma delas em enterramento, dos séculos XVI-XVII, de mulher com cerca de quarenta e quatro anos de idade, onde jazia sob o braço direito daquela (Lopes e Ramalho, 2002a: 202).

Encontraram-se figas de azeviche em inumações correspondentes a freiras de Santa Clara-a-Velha, de Coimbra (Côte-Real, 2008: 40, 41), assim como na necrópole do castelo de Castelo Branco, com exem-

plar conservando a argola para suspensão (Boavida, 2014: 29; 2016: 398, 399, fig. 7), na Igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas (escavação de M.V.G.) e, ainda, no Castelo de Montemor-o-Novo (Boavida, 2016: 398).

O anel com pequena figa, exumado no Convento de Santana constitui, tanto quanto sabemos, exemplar único.

#### **4.2. Contas de rosários e terços**

A grande maioria das contas exumadas no Convento de Santana, apesar do seu assinalável polimorfismo, pertenceram por certo a terços, usados na ordenação e contagem das orações, desde o século IX, sobretudo pelas comunidades monásticas. No entanto, a constituição actual dos terços remontaria, segundo a tradição, aos inícios do século XIII, quando a Virgem terá entregue um daqueles artefactos religiosos a São Domingos, tendo em vista servir na conversão de pecadores e hereges.

O uso de terços, integrados nos rosários (coroas de rosas) encontra-se muito ligado ao culto da Virgem Maria ou Maria Santíssima.

A partir do século XVI o rosário traduz forma popular de devoção, promovida, em particular, pelos dominicanos. O seu uso em Espanha e nas colónias sul-americanas, mas também em outros países europeus, tem sido atribuído, por alguns autores, ao estabelecimento da Festa do Rosário, em 1572, após a vitória espanhola sobre os turcos em Lepanto, no ano anterior, dada como devida à intercessão da Virgem do Rosário (Deagan, 2002: 65).

O terço é constituído por sector inicial, com duas contas grandes e três pequenas, em cuja extremidade existe cruz ou crucifixo, e por cinco conjuntos de dez contas pequenas, separadas por contas maiores, uma das quais liga ao sector inicialmente referido. O rosário dominicano possui cento e cinquenta contas pequenas (*Ave Marias*) separadas por quinze grandes (*Pater Noster*) e apêndice com uma conta grande e três pequenas, terminando em medalha, cruz ou crucifixo (Deagan, 2002: 65).

Também interpretados como elementos apotropaicos, acreditava-se que os terços e os rosários

eram capazes de afastar as forças maléficas, considerados protectores das pessoas e, em especial, dos sacramentos, sendo usados ao pescoço, no pulso ou à cintura, mas ainda associando a função de adorno, um dos poucos permitidos às mulheres em certos momentos históricos do mundo cristão.

Parte dos terços e rosários a que pertenciam as contas de azeviche, agora dadas a conhecer, devem resultar de acompanharem os mortos inumados no Convento de Santana.

Também na igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas, foi exumada importante colecção de contas de azeviche, algumas das quais muito semelhantes às do Convento de Santana, embora, tal como estas, não permitam datação precisa, devendo corresponder, sobretudo, aos séculos XVI a XVIII.

Ali se exumou conta facetada, que deve ter pertencido a rosário, tendo-se identificado exemplares idênticos em contextos coloniais espanhóis da América do Norte, do século XVIII, nomeadamente em St. Augustine e Santa Rosa Pensacola (1723-1752). Em St. Augustine foi encontrado rosário completo, constituído por contas de azeviche, dos finais do século XVI (Deagan, 2002: 69).

No Convento de São Francisco, de Santarém, encontraram-se três conjuntos de contas de azeviche, esféricas, ovaladas e estriadas, pertencentes a rosários ou a terços, um deles sob o braço esquerdo de inumação de criança com cerca de nove meses, atribuída ao século XVII, outro junto à perna direita de enterramento de adulto, do género masculino, com cerca de cinquenta anos e que era também acompanhado por ceitel cunhado no reinado de D. Manuel I (Lopes e Ramalho, 2002: 200).

Guilherme Cardoso (2007: 13, 38, 39, figs 23.9 e 24.3-7) refere o surgimento de dezasseis contas de azeviche galonadas e uma com duas nervuras transversais, procedentes de escavação arqueológica efectuada no adro da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, do Cadaval, que atribuiu ao século XVIII.

Também foram encontradas contas de azeviche, no Poço-Cisterna, de Silves, hoje Monumento Nacional, algumas delas com forma cúbica, de can-

tos cortados e grandes dimensões, outras esféricas e ovóides, cuja cronologia não pode ser mais recente que os finais do século XVI, data do entulhamento daquela estrutura (escav. de M.V.G. e R.V.G.).

Outros exemplares procedem da antiga paróquia da Foz do Douro (Porto), do Convento de Santa Clara-a-Velha (Coimbra) e do Castelo de Montemor-o-Novo, mas quase sempre com contexto arqueológico indefinido, embora associados a necrópoles. No castelo de Castelo Branco, em zona de necrópole, foram exumadas contas de azeviche, esféricas, com entalhes ou em forma de barril (Boavida, 2016: 398, 399).

Importa referir que a existência de apenas uma ou duas contas numa sepultura pode dever-se a prática ainda em uso durante o século XIX, sobretudo no Norte do país, quando se deitava “*uma conta no caixão para que o defunto se lembre de nós no Céu*”, registada por F. Martins Sarmiento (1998: 144). O autor que acabamos de citar diz, ainda, sobre as contas de azeviche: “*trá-las muita gente, três em regra, contra o mau olhado, que o azeviche atrai. Por isso, às vezes as contas aparecem quebradas, salvando a pessoa que as traz*” (Sarmiento, 1998: 248).

### 4.3. Outros artefactos de azeviche

Os pendentes cordiformes podem ter feito parte de rosários, onde surgem, pelo menos desde o século XV, na extremidade daqueles, posição que também ocupam as pequenas cruces, como a agora dada a conhecer.

Pendente quadrangular, com cruz dominicana, muito possivelmente fazendo parte de brinco, e semelhante a exemplar da Igreja de Santa Maria, de Torres Novas, procede de Santa Helena, na Carolina do Sul, onde foi datado em 1566-1587 (Deagan, 2002: 73, fig. 4, 34).

Conhecem-se brincos de azeviche, constituídos por três elementos (flores, laço e pingente), no espólio recuperado da fragata Santo António de Taná, naufragada frente a Mombaça, em 1697 (Teixeira e Gil, 2012: 680). Eles foram representados em pinturas, de meados do século XVIII, nomeadamente na obra *The sick child*, de Gabriel Metsu (ca 1663).

Escavações que ocorreram no Largo do Corpo Santo, em Lisboa, descobriram, em contexto do século XVI, pequena imagem (h = 0,034 m) do apóstolo São Tiago, com característico chapéu, bordão e vieira, finamente talhado em azeviche e perfurado para ser dependurado como emblema ou amuleto (Gil, 2015).

No que concerne aos anéis de azeviche, possivelmente também usados como elementos protectores, conforme o exemplar com figa revela, eles não são muito comuns, conhecendo-se fragmento de exemplar, facetado, da missão de San Luis de Talimali (Flórida), datado de ca 1650-1700, e um outro anel com elemento naquela rocha de Puerto Real (Haiti), de contexto possuindo cronologia situada entre 1503 e 1578 (Deagan, 2002: 124, fig. 6.7).

## 5. CONCLUSÕES

Embora os artefactos de azeviche surjam, por vezes constituindo conjuntos numerosos, sobretudo quando precedentes de contextos funerários, de igrejas e conventos, pouco se sabe sobre a origem precisa de tal matéria-prima, dada a ausência de análises, como sobre a extensão do polimorfismo dos objectos, no que concerne à sua cronologia ou até sobre aspectos funcionais e simbólicos.

Conforme referimos, no Convento de Santana, apenas nove contas, num universo de 43 provêm de duas sepulturas (sepulturas 24 e 28), procedendo os restantes artefactos de azeviche de fossas detriticas e do conteúdo de três poços, então desactivados e igualmente reutilizados como lixeiras. Também as peças de azeviche da Igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas, tal como as do Poço-Cisterna, de Silves, estavam destituídas de contexto funcional e muito afastadas da sua utilização primária.

Apesar dos constrangimentos referidos, o contexto dos azeviches do Convento de Santana, situado maioritariamente entre os finais do século XVI e os inícios do século XVIII, demonstra, em ambiente rico e requintado, conforme evidencia a grande quantidade de porcelanas exumadas a par de ou-

tros itens dispendiosos, o interesse por artefactos, sobretudo de devoção, em tal matéria-prima, que não chegava a ser considerada semi-preciosa.

Tal aceitação deve explicar-se devido à tradição que ligava o azeviche a funções apotropaicas e profilácticas, como às suas qualidades plásticas e estéticas, nomeadamente o brilho e a cor negra, sendo esta a dominante nos quotidianos europeus e não só religiosos, dos séculos XVI e XVII, desde o traje ao mobiliário, aspecto em parte devido à austeridade contra-reformista.

Inserem-se naquele quadro os artefactos religiosos e/ou devocionais, mas também os amuletos, como a figa, que a Igreja Católica fez por ignorar e que tiveram grande difusão. Alguns botões com azeviche, do Convento de Santana, ilustram função prosaica, embora reflectindo poder económico de quem os usava. Quanto aos anéis e ao leão rampante, são adereços singelos, usados por membros da população conventual e que alargam o já diversificado catálogo das produções artefactuais de azeviche durante a Idade Moderna.

## BIBLIOGRAFIA

AAW (1906) – Azulejos. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, 4ª série, tomo X, nº 6, pp. 303, 304.

AAW (1907) – Azulejos. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, 4ª série, tomo X, nº 6, pp. 282-288.

BARDI, Pietro Maria (1969) – *L'Ópera Completa di Diego Velázquez*. Milano: Classici dell'Arte, Rizzoli Editore.

BOAVIDA, Carlos (2014) – *Do Castelo. Do Tempo. Arqueologia no Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

BOAVIDA, Carlos (2016) – “Objectos de uso pessoal medievais e modernos no Castelo de Castelo Branco” in Vilaça, R. (coord.) *II Congresso Internacional da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, pp. 391-405.

CARDOSO, Guilherme (2007) – A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval. Trabalhos arqueológicos realizados em 2003. *Arqueologia do Cadaval*, 3. Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval.

CÔRTE-REAL, Artur (2008) – *Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Do Convento à Ruína, da Ruína à Contemporaneidade*. Coimbra: Direcção Regional de Cultura do Centro.

COSTA, Anabela Pinheiro Teixeira da (2008) – *Estudo Petrográfico e Geoquímico das Ocorrências de Azeviche da Região da Batalha – Portugal*. Dissertação de Mestrado em Geomateriais e Recursos Geológicos apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

DANTAS, Júlio (1966) – *Lisboa dos Nossos Avós*. Lisboa: Gráfica Santelmo.

DEAGAN, Kathleen (2002) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800. Volume 2 Portable, Personal Possessions*. Washington: Smithsonian Institution Press.

FERNANDEZ MONTAÑA, José (1881) – *Lapidario del Rey D. Afonso X. Códice Original*. Madrid: Imprenta de la Iberia.

FRANCO, Luís F. Farinha (1973-74) – Um Livro de Visitações à Igreja de Sant'Ana de Lisboa (1570-1598). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. II: LXXIX-LXXX, pp. 61-89.

FRANCO MATA, Ángela (1996) – “Las minas de azabache asturianas y el arte” in *Actas de las I Jornadas sobre Minería y Tecnología en la Edad Media Peninsular*. Madrid: Fundación Hullera Vasco-Leonesa, pp. 91-100.

FREIRE, Anselmo Braancamp (1914) – Inventário da Infanta D. Beatriz – 1507. *Archivo Historico Portuguez*, IX, pp. 64-110.

GARCIA, José Manuel (2014) – A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade. *Revista de História da Arte*, 11, pp. 34-49.

GIL, Luís Serrão (2015) – “Pendente” in Teixeira, A.; Villada-Paredes, F.; Silva, R. B. (coord.) *Lisboa, 1415, Ceuta. História de Duas Cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta e Câmara Municipal de Lisboa, p. 109.

GILCHRIST, Roberta (2008) – Magic for the dead? The archaeology of magic in later medieval burials. *Medieval Archaeology*. 52:1, pp. 119-159.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares. *Olisipo*, 27 – S. II, pp. 75-92.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel (2015) – Convents, monasteries and porcelain: a case study of Santana Convent, Lisbon. *Global Pottery 1. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. British Archaeological Reports, International Series 2761. Oxford: Archaeopress, pp. 93-101.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel (2016) – “Portuguese faience in Santana Convent, Lis-

- bon" in Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (edit.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, pp. 79-90.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; GONÇALVES, Joana (2017) – "Objectos de uso pessoal, produzidos em matéria animal, do Convento de Santana, de Lisboa" in Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B. (coord.) *Uma Cidade em Escavação – I Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 85-105.
- GOMEZ-TABANERA, José Manuel (1977) – Azabache, amuleto de la vieja Europa y âmbar negro de Asturias. *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, 31(90-91), pp. 383-413.
- HILDBURGH, Walter Leo (1906) – Notes on Spanish amulets. *Folklore*, 17(4), pp. 454-471.
- HILDBURGH, Walter Leo (1913) – Further notes on Spanish amulets. *Folklore*, 24(1), pp. 63-74.
- JARGSTORF, Sibylle (1995) – *Glass Beads from Europe: With Value Guide*. Atglen: Shiffer Publishing Ltd.
- LEÃO, Duarte Nunez do (2002) – *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.
- LOPES, Carla; RAMALHO, Maria M. B. Magalhães (2002) – "Rosário ou terço" in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 200.
- LOPES, Carla; RAMALHO, Maria M. B. Magalhães (2002a) – "Figa" in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 202.
- MALAQUIAS, Isabel; PEREIRA, Virgínia Soares (2015) – "O mundo mineral nos comentários a Dioscórides de Amato Lusitano" in Andrade, A. M. L.; Mora, C. M.; Torrão, J. M. N. (coord.) *Humanismo e Ciência. Antiguidade e Renascimento*. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 387-411.
- MARTINS, Andrea Cristina Rodrigues (2000) – *Tampas de Faiança e de Porcelana do Convento de Santa Ana*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- MARTINS, Rocha (1945) – *Lisboa de Ontem e de Hoje*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- MONTEIRO, Patrícia Alexandra R. (2005) – Efeitos do Terramoto de 1755 nos conventos de Lisboa: Os casos dos conventos de Sant'Ana e de N.ª Sr.ª da Conceição de Agostinhas Descalças (Grilas). *Olisipo*, S.II:22/23, pp. 50-61.
- MORALES, Gaspar de (1605) – *Libro de las Virtudes y Propiedades de Marauillosas de las Piedras Preciosas*. Madrid: Luiz Sanchez.
- MORRIS, Desmond (2001) – *Guardianes del Cuerpo. Amuletos y Objetos Protectores*. Barcelona: Plaza & Janés Editores S.A.
- PEREIRA, Luiz Gonzaga (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa de 1833*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- PIERCE, Elizabeth (2013) – Jet cross pendants from the British Isles and beyond: forms, distribution and use. *Medieval Archaeology*, 57:1, pp. 198-211.
- PINTO, Fernão Mendes (2004) – *Peregrinação*. Lisboa: Edição Expresso.
- PIRES DE LIMA, Durval (ed.) (1972) – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SARDINHA, Olinda (1990-92) – Olarias pedradas portuguesas: Contribuição para o seu estudo. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*, Série IV: 8-10, pp. 487-512.
- SARMENTO, Francisco Martins (1998) – *Antiqua, Tradições e Cantos Populares*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SERRÃO, Vítor Manuel Veríssimo (2014) – As artes decorativas na colecção palaciana do 1º Conde de Basto, D. Fernando de Castro em Évora no Tempo dos Filipes. *Artis*, 2, pp. 9-21.
- SUÁREZ-RUIZ, Isabel; IGLESIAS, María José (2007) – Spanish jet: something more than a gemstone with magical properties. *Energeia*, 18(1), pp. 1-3.
- TEIXEIRA, André; GIL, Luís Serrão (2012) – Cada botão sua casa. Indumentária recuperada nas escavações arqueológicas da fragata Santo António de Taná, naufragada em Mombaça em 1697" in Teixeira, A.; Bettencourt, J. A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 2. Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e Univ. Açores, pp. 671-682.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1892) – *Sur les Amulettes Portugaises*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1925) – *A Figa. Estudo de Etnografia Comparativa, Precedido de Algumas Palavras a Respeito do "Sobrenatural" na Medicina Popular Portuguesa*. Porto: Araújo e Sobrinhos Suc.<sup>res</sup>.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1961) – *Estudos de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VIEGAS, P<sup>de</sup> Sebastião de Almeida (1893) – *A Verdade Àcerca dos Ossos de Luiz de Camões*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- VIEIRA DA SILVA, Augusto (1950) – *Plantas Topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

VIÑAGO GONZÁLEZ, Antonio (1996) – Pedras y metales sanadores. El Lapidário del *Hortus Sanitatis* in *Actas de las I Jornadas sobre Minería y Tecnología en la Edad Media Peninsular*. Madrid: Fundación Hullera Vasco-Leonesa, pp. 615-621.

VITERBO, Francisco de Sousa (1899) – *Diccionario Historico e Documetal dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.

Original entregue para publicação em 27.4.2017.

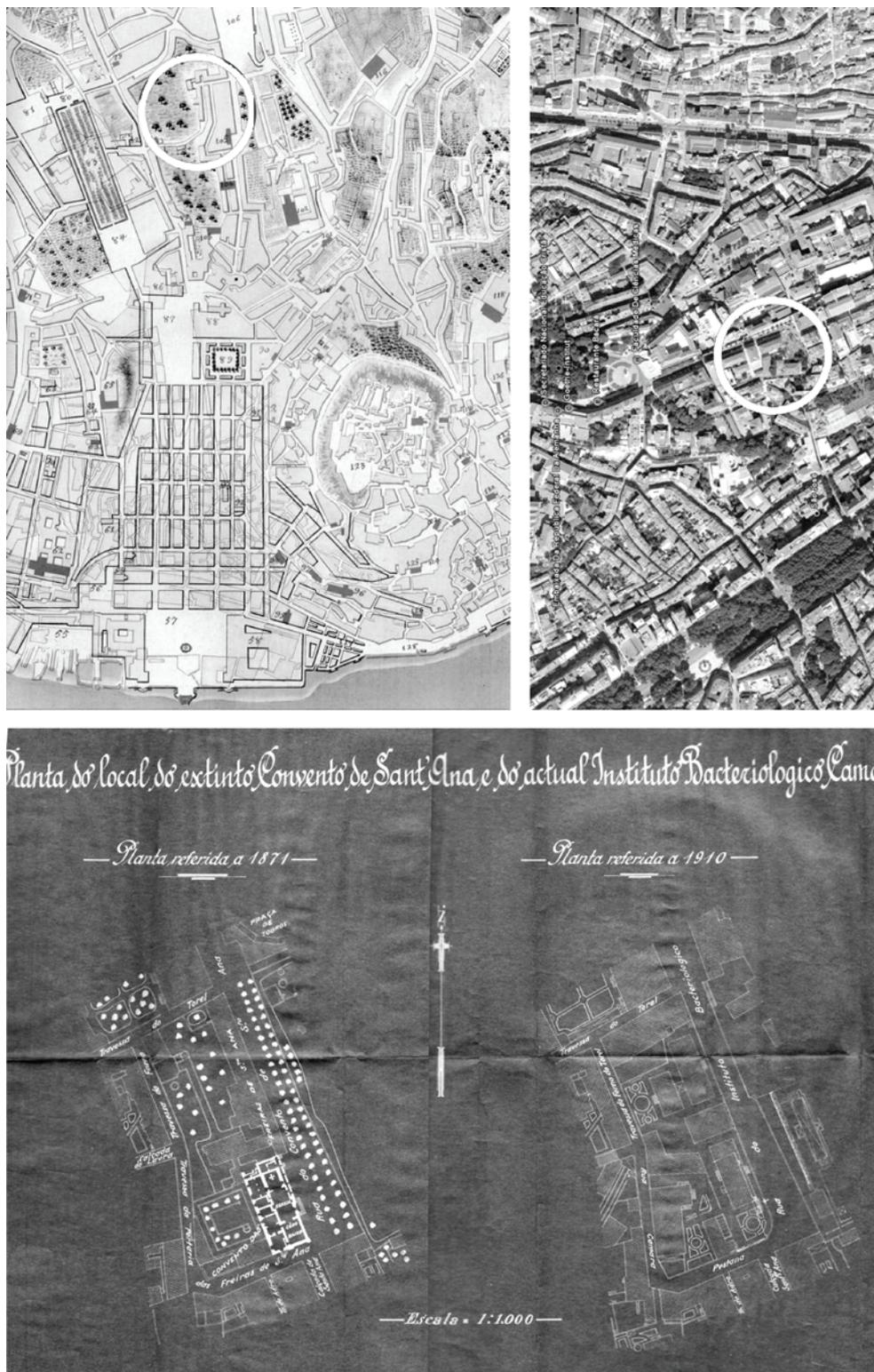


Figura 1 – Localização do Convento de Santana, em sector de planta de Lisboa, dos finais do século XVIII (seg. A. Vieira da Silva, 1950, planta nº 4) e em fotografia aérea actual (GoogleMaps). Planta do Convento de Santana e instalações do Instituto Bacteriológico (1871, 1910) (Colecção A. Vieira de Silva, do Gabinete de Estudos Olisiponenses, C. M. Lisboa).



Figura 2 – Convento de Santana. Pendentes cordiformes, figas, cruz, leão, anel, botão e contas (fotos J. Gonçalves).

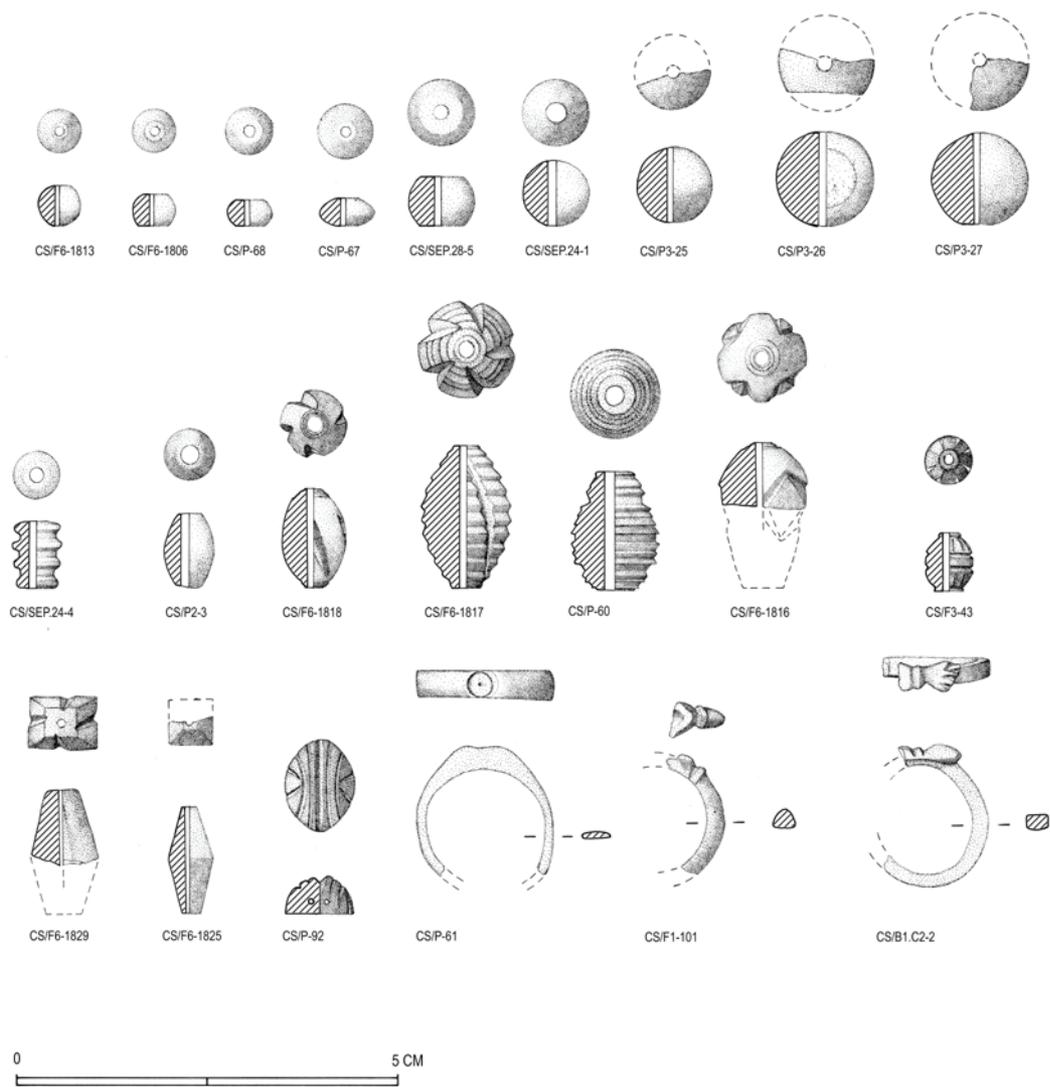
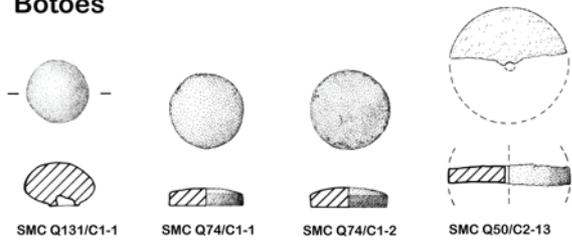


Figura 3 – Convento de Santana. Objectos de azeviche (séculos XVI-XVIII) (des. J. Gonçalves).

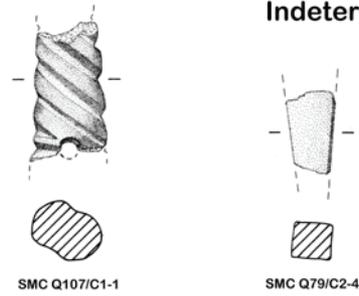
**Botões**



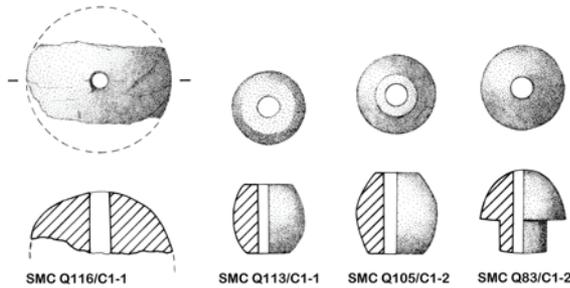
**Figas simples e duplas**



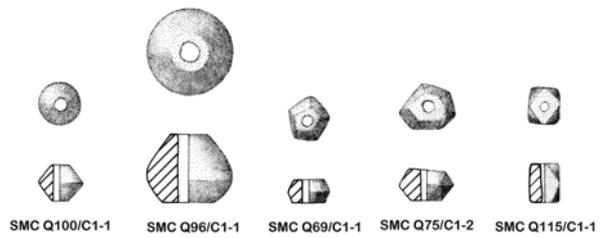
**Indeterminado**



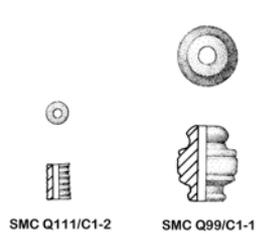
**Contas esféricas, ovóides e hemisféricas**



**Contas bitroncocónicas e poliédricas**



**Contas balaústres**



**Contas de fantasia**

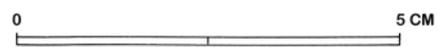
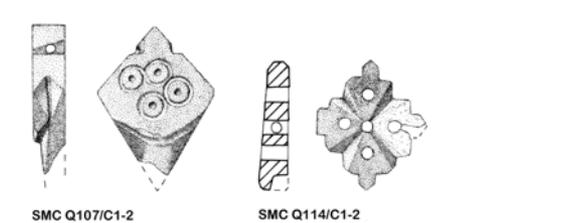
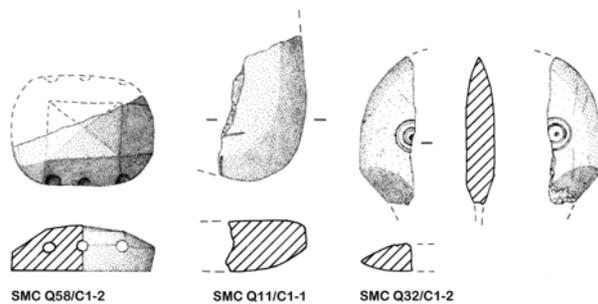
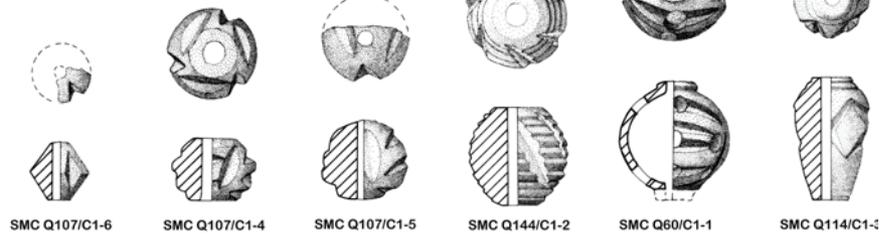


Figura 4 – Objectos de azeviche da Igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas (séculos XVI-XVIII) (des. J. Gonçalves).



A



B



C

Figura 5 – A. Infanta Ana Maurícia de Áustria, pintada por Pantoja de la Cruz, em 1602 (pormenores); B. Príncipe Felipe Próspero (1657-1661), pintado por Velázquez em 1659 (pormenores); C. Monjas e dama da Família Augsburg, com terços, mostrando um pendente cordiforme e outro figa (seg. S. Jargstorf, 1995, pp. 26, 45).



Figura 6 – Ocorrências de azeviche na Europa Ocidental (as localizações são aproximadas).



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2020

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)